



TRIBUNA *live*

15
Setembro
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

Directores: PAULO BARBOSA DE MACEDO, ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA, JOÃO BARBOSA DE MACEDO
Propriedade: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO
Composição, Impressão e Redacção: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR, TEL. 52113 - A MARES

Na era em que vivemos

Por Militão Porto

Estivemos em Vila Praia de Ancora. Férias... Do que ali vimos e vivemos dois dias, é difícil escrever. Teríamos de encher colunas só para falar das gentilezas da feliz e simpática família do nosso Camarada Gomes da Costa, lidimo redactor do «Correio do Minho».

Mas há motivos pitorescos de localização a que não é possível fugir. E já no regresso, em plena via férrea, após termos deixado com pesar, em Viana do Castelo, a honrosa e aliciante companhia do pujante escritor—dos nossos maiores contistas contemporâneos—Manuel Boaventura, pensavamos na beleza do colorido encontrada nos doze andores que ornamentavam a igreja da Senho-

ra da Bonança, em Praia de Ancora, e que ilustrariam a procição do dia dez.

E' que a bonança, esse excelente vocábulo que as almas simples dos pescadores tanto imploram ante o mar embravecido, trás à lembrança dos mais, o desejo de Paz que avassala o mundo.

Involuntariamente, neste regresso, condicionamos então o que de analógico existe na era vivida e na actual. Há quem renege o Passado, quem lhe coloque uma pedra pesadíssima sobre o mausoleu das coisas avelhantadas, sepulcro onde ficam eternamente esquecidas as acções e os pensamentos do Homem.

Vimos recordar, porém, aos predestinados do olvido, que

o Presente é, mais das vezes a repetição do Passado, numa amálgama de semelhanças e de analogias que nos faz rememorar certos e determinados episódios, embora esbatidos por provocante amnésia.

Eis o facto, contido num simples teijolo, que sacrosantemente guarda um museu de Londres, pertença de templo augusto da antiquíssima Babilónia, poderoso simbolo de origem milenária e que, transportado a esta época, nos pressupõe no mesmo tempo, no mesmo espaço, na mesma latitude, na mesma insignificância da existência, como mito selvagem da potente máquina da Civilização e do Progresso; que nos iguala numa incrível mediocridade ao deciframos os cuneiformes contidos no vetusto teijolo.

Leiamos a inscrição, nele cunhada, e verificaremos o confronto da época:

«QUANDO ACABARÁ, Ó MINHA SENHORA, O PODEROSO INIMIGO DE ARRUINAR O PAÍS? EM TODAS AS TUAS TERRAS

(Continua na 4.ª página)

O Périplo de África visto do «Vera Cruz» A Cidade do Cabo e o Cabo da Boa Esperança

Por Paulo B. M.

Eram seis horas. A noite começava a extinguir-se dando lugar a um dia de céu limpo, o primeiro desta longa viagem, quando avistamos a cidade do Cabo, ainda com a luz acesa, esfuizante e bela e servindo de base aos morros que circundam a cidade do lado da terra.

Do cimo desses mesmos morros havíamos de ver, momentos depois, uma paisagem verdadeiramente singular e grandiosa, como só a natureza sabe traçar na divina sabedoria, do seu Criador.

Cais de quilómetros de comprimento, muito movimento é uma imponência própria de uma cidade, mesmo entre as maiores e mais ricas, surpreendendo pela vastidão e grandiosidade dos seus arranha-céus e pelo dezafoço das suas artérias.

Casas comerciais enormes e primando pelo bom gosto das suas instalações onde é fácil encontrar uma mistura de ramos de comércio como, por exemplo, uma mercearia em que se vendem, ao lado dos mais finos doces, as hortaliças, todos os géne-

ros que as nossas vendem e com grandes frigoríficos de vidro onde se expõe o leite, a carne, o peixe e a fruta, sendo os preços em média superiores aos nossos em 80%., devendo ter-se em conta, que o nível de vida é mais elevado.

Cape Town mostra-nos ser uma grande e antiga cidade de características acentuadamente inglesas onde tudo está feito e todos os problemas estão resolvidos vendo-se em tudo, boa organização, limpeza, boas estradas e absoluto aproveitamento turístico não dispensando o mais pequeno ponto de interesse embora

(Continua na 4.ª página)

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço e por os originais se terem atrasado, é-nos absolutamente impossível publicar, neste número, vária colaboração, entre a qual um artigo do nosso distinto colaborador snr. Cândido de Sousa.

Fá-lo-emos, gostosamente, no próximo número.

Os cegos

Um banco de olhos, porque não...?

De entre os vários e intrincados problemas sociais, este dos cegos é apaixonante.

A doação feita pelo P.e Gnocchi, o caritativo pai dos mutilados, que restituiu a vista a duas crianças com a oferta de seus próprios olhos, atingiu publicidade tão relevante que, por certo, foi este o maior prodígio de acto tão generoso, dos mais plausíveis, gesto que parece ter aberto novo horizonte ao mundo da caridade cristã, ou simplesmente da solidariedade humana.

Seja como for, a doação dos olhos do P.e Gnocchi provocou o estímulo que o transcendente problema do cego merece, pois que, além de impulsionar a generosidade humana, em franca comisseração pelo seu semelhante, doando-lhe aquilo que de melhor possui, ou seja uma parte do seu próprio ser, pôs também à prova a opinião da Igreja sobre tão elevado sentimento, o que tudo deverá contribuir grandemente para a extensão da ideia de doar os o-

lhos, elemento material base para que se possam multiplicar os chamados bancos de olhos.

Muita gente, ao ter lido as notícias resultantes da generosa doação do P.e Gnocchi, ouviu certamente falar pela primeira vez nessa quase milagrosa operação de dar vista ao cego, o chamado enxerto da córnea—têcnicamente a «queratoplastia»—mas o certo é que se praticava já há muitos anos em toda a Europa, onde nasceu esta nova cirurgia, mas sobretudo nos Estados Unidos da América, nação próspera e humanitária que, embora vindo colher ensinamentos à «alma mater», sabe como nenhuma outra nação pôr em prática os recursos da ciência, como se tem visto em todos os campos do saber e da técnica. Existe pelo menos há uma década o Banco de Olhos de Nova Iorque, a princípio instituição local, mas hoje magnífico órgão nacional e até internacional.

(Continua na 4.ª página)

O HOMEM TRABALHA...

Mas só Deus multiplica

Com o pedido da publicação recebemos mais uma nota informativa referente à campanha «POR UM MUNDO RURAL MELHOR», que gostosamente publicamos.

Encabeçamos esta ligeira anotação com o título padrão da Campanha, que vimos encimado na referida nota, por nos parecer muito oportuno na hora presente o conceito que encerra.

Que só Deus multiplica é incontestável, mas nem sempre esta ideia base da criação aflora à imaginação do maior número dos mortais; e mesmo em ocasiões de profunda crise como a que actualmente sofremos, o mundo pouco reflete ou mesmo nada, nesta verdade essencial: sem Deus nada se pode.

O «verão—inverno» que temos presenciado, em cujas consequências Deus mantém a sua mão suspensa, confirma sóbriamente o quanto o homem poderá esforçar-se para prodazir com boa e laboriosa sementeira e quanto Deus na sua onnipotência lhe poderá

contrariar os tempos, tornando inútil e o seu labor.

«Ora et labora» é realmente o termo próprio, o lema que cada um de nós deverá seguir para alcançar a felicidade colectiva, em suma, a benção do Criador, que fará infalivelmente multiplicar os frutos e sobretudo as faculdades com que nos dotou para Sua honra e glória.

Uma Campanha dos Organismos Agrários da Acção Católica de Braga

«Por um mundo rural melhor»

Prossegue no maior entusiasmo esta Campanha que pelas proporções grandiosas que está assumindo, tem operado uma notável influência no ambiente rural minhoto.

Tem sido extraordinário o

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

Influência da mãe na educação

Certo dia, o grande cabo de guerra, Napoleão Bonaparte, declarou que a educação dos filhos deveria começar vinte anos antes que eles nascessem e, como não fosse compreendido, um dos seus generais perguntou-lhe se seria isso possível. A resposta não se fez esperar: «deve começar com a educação da mãe».

Este conceito, cheio de argúcia, pode considerar-se quase exacto. A mãe tem efectivamente uma influência decisiva na educação dos filhos e, como ninguém pode dar aquilo que não tem, se a mãe não foi educada convenientemente, como poderá ministrar ao filho outra educação que não seja a que recebeu e que portanto possui?

Bem sabemos que, em parte, a deficiência pode ser suprida pelo pai, se realmente tem preparação para tal, mas sem dúvida que o filho parece beber com o leite os sentimentos maternos. O inseparável contacto que durante todas as horas, mãe e filho mantêm, aliado à inclinação nata do amor maternal, são o gérme transmissor dos mais recônditos sentimentos com que a mãe modela a alma do filho. A espontânea inclinação do filho para emitir tudo o que a mãe faz, leva-o, desde tenra idade, a tornar-se o seu retrato fiel.

Se a mãe diz coisas imorais ou faz gestos obscenos, assim se vê o filhos praticá-los; mas se, pelo contrário, a prática dos bons actos é timbre a dentro do lar, o filho segue por intuição aquilo que vê praticar de bom. Aos pais cabe, inevitavelmente, tremenda responsabilidade na educação dos filhos e, tanto maior, quanto é o grau das suas possibilidades. Os pais rudes, que procuram educar o filho segundo a sua mediania, levando-o à Igreja e à Escola e dando-lhes em casa o bom exemplo, educam bem, segundo a sua condição; pelo contrário, os pais instruídos que dão mau exemplo aos filhos, ou só pensam na instrução escolar e não na educação moral, assumem tremenda responsabilidade para com Deus e para com a Pátria. A educação é acto muito diverso da instrução, embora se possam auxiliar mutuamente. Uma mãe rude pode educar muito melhor do que uma mãe instruída, mas depravada.

A verdadeira educação é formada de bons sentimentos morais, que constituem o alicerce da formação do carácter da criança. Pode uma criança não ter sido educada segundo a pragmática da civilidade, mas desde que o seja segundo as regras da moral, poderá mais tarde complementar com facilidade aquela que foi instruída com finas maneiras, mas sem a formação conveniente do carácter, e muito peor, se tiver de rever-se no espelho imoral dos pais. É que os sentimentos que modelam o carácter só desde tenra idade se formam, desde o colo da mãe; mas se a mãe os dá a beber com o seu leite, o pai unge-os com a sua bênção.

Convençam-se os pais que ainda não têm experiência bastante, de que a formação do carácter não se consegue somente com os livros escolares, mas especialmente no seio da família, quer nos serões de inverno ou nos passeios de verão, também na Escola e sobretudo na Igreja, mas sempre à sombra bemfazeja e amena da árvore paterna, de que os filhos são os mais tenros rebentos.

Os pais são para os filhos como que estacas a que estes se cingem, as quais, como na tenra árvore, se são tortas, também a estas transmitem os mesmos aleijões, mas se são direitas obrigam a amoldar-se-lhes.

Assim mais tarde, quando os filhos já não precisam da estaca paterna, continuarão direitos na vida, sejam quais forem as vicissitudes por que passarem.

Ao homem de carácter podem despir-lhe a camisa, mas não conseguem despojá-lo da honra.

EME

A beleza da mulher

Dê umas férias às suas unhas de vez em quando. A ausência de verniz faz-lhes a grande bem. E se quiser completar essa cura, especialmente se as unhas se tornarem quebradiças, unte-as, ao deitar, com

óleo de amêndoas doces e azeite (em partes iguais). Calce umas luvas velhas de algodão.

—Quando a pele apresenta pequenas manchas, devido à acção do ar e do sol, especialmente quando se está na praia, é conveniente aplicar duas ou três vezes por dia, uma lavagem com infusão de tilia.

A jovem e as flores

Uma jovem menina passava num jardim.

—És mais bela do que todos nós—disseram-lhe em coro as corolas, e cada qual especificou:

—Mais fresca—disse a rosa de Maio.

—Mais vermelha—disse o cravo.

—Mais branca—disse o lírio.

—Mais graciosa disse a Margarida dos prados, que um jardineiro de ideias políticas avançadas tinha transplantado para os canteiros de luxo.

—Mais pura—disse uma espiga de grão, que, por capricho do vento nascera entre os jacintos.

—Mais casta—disse a flor de laranjeira.

A jovem não compreendia a linguagem das flores; o seu olhar cândido e doce pousava-se em cada corola sem vergonha nem inveja, pois que não compreendia os elogios. Mas, vendo sob um tufo de folhas mortas, uma violeta pequenina, uma violeta que para ela olhava com olhos tímidos e azuis, baixou-se, tomou-a entre os dedos delicados, aspirou-lhe o perfume e colocou-a ao peito.

As outras flores disseram:

—Como é feliz a violeta!

E ninguém mais descansou...

Deus fez o mundo em 6 dias, e descansou. Depois fez o homem, e tornou a descansar. A seguir, fez a mulher, e desde então nunca mais houve descanso no mundo.

CULINÁRIA

Bacalhau fidalgo

1 bom lombo de bacalhau; 1 limão pequeno (o sumo); 1 colher (das de chá) de vinagre; 2 cebolas cortadas às rodela; manteiga que baste; pão ralado, idem; azeite e puré de batata que baste; 2 ovos cozidos.

Põe-se o bacalhau de molho. Logo que esteja bem demolido, tira-se-lhe a pele e lava-se muito bem. Unta-se uma assadeira de barro com manteiga, coloca-se dentro o bacalhau, espreme-se por cima o limão e deita-se-lhe em seguida o vinagre. Polvilha-se com pão ralado, deita-se-lhe a cebola, rega-se com bastante azeite, espalham-se sobre o bacalhau pedaços de manteiga e vai ao forno a assar. De vez em quando, tira-se do forno

Humor na mesa

Um cliente muito apressado entra num restaurante e pede uma omelete.

O criado—V. Ex.cia quer que a preparem à francesa ou à espanhola?

O cliente—tanto faz. Não é para conversar com ela.....

Duas criadas de servir conversam:

—O meu patrão é tão benfiquista que nós, lá em casa, só comemos sopa de feijão vermelho.

—O meu é o contrário... Como é do Sporting temos de «grammar» sempre caldo verde.

Conselhos caseiros

Para as mãos que trabalham

Misture em partes iguais álcool conforado e glicerina (um cálice por exemplo) e suco de meio limão. Aplicada em massagens, duas, três vezes ao dia, esta mistura elimina as manchas da pele e amacia as mãos.

Para limpar as mantas de lã

Para isso deixem-se algumas horas num banho ligeiro no qual se dissolveu um pouco de sabão e carbonato de soda. Esfregam-se e passam-se por água fria. Mergulham-se seguidamente numa infusão de enxofre. Passam-se novamente por uma porção de 3 quilos de sabão e 500 gramas de amoníaco para 100 litros de água. Retiram-se da água cardam-se de forma a correr o pelo to-

do para um lado e secam-se à sombra.

Uma nova escova para fato

Sabemos muito bem como é difícil tirar toda a poeira e pelinho que se pegam aos vestidos pretos.

Um bom meio para os limpar é empregar uma velha luva de camurça e esfregar com a mão. Em pouco tempo todos os pêlos desaparecerão.

Boas maneiras

Se todos procurassem cumprir os seus deveres, a vida corria sem atritos e com vantagens para qualquer lado.

—Nas suas conversas, nos seu pareceres procure sempre, o mais possível, ser sensato e pessoal.

—Mostre-se sempre superior a todos os baixos sentimentos, desprezando atitudes mesquinhas.

—Nenhuma pessoa se deve mostrar inferior nem testemunhar o seu grau de timidez, quando está em convívio com outras pessoas de igual categoria.

A Mesa Familiar

É à sua volta que se reúnem, várias vezes ao dia, os membros da família. Compete, portanto, à dona de casa dispensar-lhe os maiores cuidados, tornando-a um verdadeiro centro de atracção. Neste capítulo não há minúcias excessivas, nem cuidados supérfluos.

As melhores iguarias, colocadas sobre uma mesa que não revela o cuidado e o primor das mãos femininas, perdem algo do seu valor.

Uma refeição simples, servida sobre uma toa ha escrupulosamente asseada, em que as loiças, os copos e os talheres resplandecem impecáveis, desperta o apetite e val riza-se.

A mesa é a pedra de toque, o documento vivo da educação da mulher, da sua arte, do seu bom gosto, e até da sua noção de harmonia familiar.

Ainda que a dona de casa disponha de meios suficientes para se alhear dos trabalhos domésticos, é a ela que compete a última «vista de olhos» à mesa da família. É que não se trata, realmente, de um trabalho, mas sim de um rito, de

(Continua na 4.ª página)

minar a cozedura no molho das costeletas, acabando por absorvê-lo. Quando tudo estiver pronto, junta-se um pouco de sumo de tomate e serve-se na caçarola.

Frango com esparguete

Parte-se um frango novo em pedaços e frita-se num tacho com tiras de toucinho, pimenta, alhos e um pouco de conhaque. O esparguete é cozido em água salgada com «nuoc mam», bem escorrido e disposto numa travessa, e em cima coloca-se o frango com o molho.

e rega-se com o próprio molho. Dispõe-se o puré da batata em abaulado, num prato redondo, coloca-se no centro o bacalhau com o molho e, em volta, sobre o puré, os ovos cortados em 4.

Costeletas de vitela com «nouilles»

Temperar as costeletas com sal, pimenta, dentes de alhos e colocá-las depois numa caçarola com um bom pedaço de manteiga. Quando estiverem fritas e douradas dos dois lados, cobrem-se com um caldo de carne, ou na falta deste com um caldo desopa de carne de «envelopes».

Coze dez minutos e depois guarnecem-se as costeletas com «nouilles» que à parte já se têm simi-cozidas, mas vão ter-

TRIBUNA do CONCELHO

Bouro

Grande Feira Franca e Concurso Pecuário

Conforme os programas que ultimamente foram publicados, vai realizar-se no Largo do Terreiro em Bouro, nos dias 22 e 23 do corrente, uma grande Feira Franca e Concurso Pecuário, que desde então terá lugar anualmente.

Nesta vão ser atribuídos prémios em dinheiro, aos melhores exemplares de Gado Bovino, Suino e Cavalari e valiosos objectos em ouro às chamadeiras de gado que se apresentem com os melhores trajas regionais.

O Programa consta do seguinte:

Dia 22—A's 16 horas; entrada da Banda de Musica de Bouro, que em corêto próprio, exhibirá um programa do seu largo reportório.

Em colaboração com esta funciona também a potente Aparahagem Sonora do Centro Comercial de Bouro, através da qual será feita a propagação e tudo mais que com a Feira se relacione.

A's 22 horas; Grande Arriai Minhoto, por afamados pirotécnicos da região.

O Terreiro encontrar-se-á devidamente ornamentado e iluminado em toda a extensão a «Tipo Regional», que oferecerá aos visitantes um maravilhoso aspecto.

Amares

E a escuridão continua...

No Largo Dr. Oliveira Salazar, os postes de iluminação pública que aliás foram concertados, encontram-se agora parte deles sem lâmpadas ou com elas fundidas.

A iluminação torna-se deficiente, necessitando assim este Largo de ser reparado nestes pequenos mas significantes contratemplos, pois de noite, com os globos como costumam estar e estão parte deles neste momento, vemo-nos quase privados de andar.

Desta maneira a escuridão continua...

Dornelas

Foi com grande regozijo que chegou ao nosso conhecimento a participação dada pelo Fundo de Melhoramentos Rurais no total de 115.500\$00, para a ligação da estrada que dá desta freguesia à de Paredes Secas, ambas do concelho de Amares.

Esta obra que se tornava muito necessária vem assim preencher uma lacuna que há muito era necessário preencher.

Dia 23 — Feira Franca de todos os géneros da Lavoura e gado cavalari, bovino, suino, lanígero e capoeiro.

Durante a manhã haverá no recinto as melhores distrações.

A's 16 horas, terá lugar o Concurso, com os prémios designados nos programas. Estão previstos diversos atractivos, entre os quais; Carroussel, Gaitas de fole, Zés Pereiras, Amazonas, etc.

Haverá carreiras consecutivas que funcionam entre Feira Nova e Bouro.—C.

Atenção à alteração do programa

Por lapso, não foi anunciado nos programas ultimamente publicados, os prémios que a seguir designamos e que nesta grande Feira vão ser atribuídos, além dos constantes nos respectivos programas.

Bois Reprodutores

Ao melhor exemplar 80\$00
2.º Prémio 50\$00

Continua na 4.ª página

Vida elegante

Aniversários

Domingo—Os Ex.mos Senhores: Arnaldo da Silva Tomé e Manuel Gonçalves Leite;

Segunda feira— O Ex.mo Senhor António dos Anjos Cunha;

Quinta-feira—O Ex.mo Senhor Fernando António de Almeida Rodrigues;

Sexta-feira—o Sr. Alberto António da Silva.

Sábado—A gentil menina Eufrazia Maria Fernandes Barbosa.

Aniversário de casamento

Na próxima quarta-feira, passa mais um aniversário o simpático casal: Ex.ma Senhora D. Maria Isabel Barbosa de Macedo e o Ex.mo Senhor José Manuel de Macedo.

Com os nossos parabens, vai o desejo de muitas felicidades.

Casamento

No Santuário do Sameiro, no passado sábado, o nosso prezado amigo Sr. José Clemente Fernandes, digno Aspirante de Finanças em Terras de Bouro, filho de Srna D. Esmeralda de Jesus Fernandes e do Sr. Albino José Fernandes, proprietários em S.ta Marta, consorciou-se com a menina Maria de Fátima Ferraz Alves, gentil filha da Srna D. Caetana Rosa da Silva Ferraz e do Sr. Amadeu A. Balugães.

Foram padrinhos por parte da noiva os pais desta e por do noivo os pais do mesmo.

No final da cerimónia religiosa, foi servido um lauto almoço.

Marco do Correio

Escrevenos novamente o Sr. José Carlos Caldas e envia a quantia referente a 6 meses de assinatura do jornal dos assinantes snrs. Américo José de Oliveira Arantes e Arnaldo Vieira de Faria.

Diz-nos ainda que o Sr. Américo José de Oliveira Arantes embarcou no dia 28 do mês findo, para Portugal aonde vem casar-se com a menina Maria da Conceição Faria, de Dornelas, prendada filha do Sr. Bento Maria de Faria. Por esta data embarca de avião o Sr. Arnaldo Vieira de Faria, que há doze anos vivia na Venezuela e vem definitivamente para a sua terra natal que é Dornelas.

A um e a outro os seus conterrâneos e amigos desejim boa viagem e muitas felicidades.

Ao Sr. Caldas agradecemos a lembrança que de nós teve e comunicamos que o seu caso será tratado com todo o interesse logo que nos procurem e que o nosso director de boa vontade o atenderá.

Também recebemos carta de Manaus do sr. Joaquim José de Azevedo Macedo comunicando-nos o envio das quantias referentes às seguintes assinantes:

Do Sr. Álvaro Soares Vieira, 182\$00; Manuel Joaquim Rodrigues, 182\$00; António Fernandes Barbosa 182\$00; Joaquim José de Azevedo Macedo, 182\$00; Abel Fernandes Barbosa, 182\$00; Delfim José Rodrigues, 80\$00; Eduardo Fernandes Barbosa, 182\$00; Arlindo José Rodrigues, 182\$00; Antero Fernandes Barbosa, 182\$00.

O Sr. Joaquim José de Azevedo Macedo, envia para as festas de Santo António a importância de 100\$00. referente às rifas enviadas.

O Sr. José Manuel de Macedo já nos comunicou de que este dinheiro está à nossa ordem.

Agradecemos as saudações e os versos.

Do Sr. Acácio Dias de Margalhães, actualmente em Angola recebemos carta enviando-nos a importância referente a um semestre da sua assinatura.

Diz-nos também da satisfação em receber o nosso jornal e envia-nos cordeais cumprimentos que agradecemos.

Ao novo lar desejamos as maiores felicidades.

Noticias pessoais

Deu-nos a honra da sua visita, acompanhado de sua família, o nosso estimado assinante Sr. Manuel de Sousa Pinto, distinto funcionário da Secretaria Judicial da Régua. Obrigado pela sua deferência.

Entre gente moça

Importância de pouco mérito

Surge-nos, por vezes, num ambiente um tanto invulgar, personagens que ficticiam a posição que nos é devida.

Escusado será dizer que nos vimos forçados a ocupar um precioso espaço deste semanário, para exprimir um assunto que, embora de pouca importância, mas de certo modo compreensivo, poder-se-ia evitar se alguns membros da rapaziada desta terra vivesse naquela comodidade de outros tempos. Isto não acontece única e simplesmente por culpabilidade de alguns «rapazes» que, diga-se a verdade, se julgam com categoria superior à nossa e à dos outros, quando a verdade é que a categoria «deles» é de pouca elasticidade.

Meditamos neste assunto, lamentá-mo-lo sinceramente ao presentirmos que essas «personagens» se julgam com capacidade insuperável quando, postas as coisas no seu lugar essa capacidade se torna inverídica.

Suplantando a selectividade por eles adoptada, ousamos dizer agora, a título de simples prevenção, que a aparência deles ilude. Bom seria que a cultura com que eles se julgam, fosse desmascarada, como o tem sido, é claro... por aquelas que procuram, beneficiando de estranho sotaque nas respectivas apresentações.

Se somos considerados «gêbos» ou coisa semelhante, convençam-se «eles» de que somos honestos, que usamos da boa camaradagem, que sabemos receber com afável disposição aqueles que se nos dirigem, que nos medimos pela mesma fita, que nos compreendemos, mas não somos revidos.

Para terminar, esperamos que esta gizânia tenda desaparecer deste meio onde sempre a rapaziada se compreendeu e espera compreender-se e prometemos não voltar a outra anacefaleose.

A. B. & V.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Na freguesia de S. Vicente do Bico —A Srna Palmira da Silva, com 58 anos de idade, no passado dia 31 de Agosto;

Na freguesia de Carrizado—A Srna Maria Angelina de Oliveira, com 83 anos de idade, no passado dia 2 do corrente;

Na freguesia de Besteiros—O Sr. António Dias Vieira, com 61 anos de idade, no passado dia 2 do corrente;

Na freguesia de Seramil—A Srna Maria Pereira, com 63 anos de idade, no passado dia 3 do corrente.

Caires

De visita—Batizado

Deu-nos o prazer da sua muito estimada visita a Ex.ma Senhora D. Maria Rodrigues-viúva, proprietária do lugar do Bário, desta nossa querida e linda Vila de Amares, a qual veio até esta nossa Igreja paroquial para servir de Madrinha da inocentinha Horácia Maria, filha mui estremecida do Sr. António José da Silva e de sua Ex.ma esposa Avelina Maria, da Costa, do lugar da Portelinha.

A ilustre visitante achou mui asseada a Igreja e a sua electrificação um primor, em todos os altares, mormente o de Nossa Senhora de Fátima.

Ficou inteirada dos melhoramentos já feitos e outros em curso, para os quais deixou uma avultada esmola. Muito e muito gratos lhe ficamos e jamais a esqueceremos nas nossas pobres Orações, mormente a bela e diamantina alma do seu idolatrado esposo Marcolino Rodrigues, que Deus tenha no Reino da Sua Eterna Glória. C.

Convocação

Avisam-se todos os sócios e amigos do F. C. de Amares, de que no próximo dia 23 do corrente, às 11 horas, na sede da Casa do Povo, se realiza uma reunião para escolha de novos corpos gerentes e discussão de qualquer assunto de interesse para a colectividade.

Amares, 14 de Setembro de 1956.

A Direcção

HUMORISMO

Resposta difícil

Professor:—Um doido faz perguntas, que às vezes nem os mais sábios homens podem responder.

Estudante:—Ah! Agora sei porque tantos estudantes são reprovados nos exames!

Saiu tosquiado

—Quantos anos tens pequerrucho?

—Cinco.

—E o ano passado?

—Quatro.

—Então tens nove; porque cinco mais quatro são nove.

O pequerrucho, que não gostara da brincadeira, atalhou:

—O Senhor quantas pernas tem?

—Não vês? Tenho duas.

—E o ano passado?

—Duas é claro.

—Então tem quatro; é um burro, porque os burros tem quatro pernas.

O Périplo de África visto do «Vera Cruz»

(Continuação da 1.ª página)

para os admirar quase sempre seja preciso pagar «shillings».

Subimos em elevador telescópico ao miradouro de *Table Mountain* que fica a cerca de 1.500 metros da cidade e tem uma altura de perto de mil metros. Nesta subida tem-se a impressão de uma viagem de avião e do miradouro, com a cidade a nossos pés, alcança a vista uma enorme paisagem, envolvendo, não só toda a cidade e arredores, mas também todo o Cabo e a confluência das águas dos dois oceanos, Índico e Atlântico. A ascensão custa meia libra, o que não é barato.

Visitamos a Ponte do Cabo, a que os ingleses chamam da Boa Esperança, como o denominou D. João II, e através da costa sul, que é ainda atlântica, vimos boas paisagens e os despenhadeiros abruptos que constituem a chamada Colina dos 12 apóstolos de grande beleza os quais são intercalados por praias de agradável aspecto e salpicadas de chalés tipo inglês.

Chegados a *Cape Point*, a 120 quilómetros da cidade, subimos ao miradouro para dos últimos palmos da terra

africana contemplar os dois Oceanos que espumam a nossos pés, e como portugueses não podemos deixar de recordar a epopeia dos navegantes que foram seus descobridores e sentir um pedaço de vaidade pátria, recordando neste cenário dum belo horrível as figuras de Bartolomeu Dias e Vasco da Gama que em 1497 dobraram este cabo a que chamaram das Tormentas.

A Base Naval de *Simons-town*, que a seguir visitamos é de uma beleza rara e visitada pela aristocracia bem como *Muizemberg*.

É por aqui que a gente rica da cidade do Cabo tem os seus palacetes sendo as estradas magnificamente arborizadas e entrecortadas de tuias e miradouros.

O «Vera Cruz» passou a contornar a costa africana, agora no Oceânico Índico permitindo-nos uma breve vista sobre as cidades de *Port Elisabeth* e *Durban*, esta a terceira cidade da União Sul Africana e daí até *Lourenço Marques* a única novidade residiu num grande cardume de baleias que se deram ao capricho de fazer rendilhada exibição em frente ao barco.

Até, pois, *Lourenço Marques*.

Os cegos

(Continua na 1.ª página)

que tem por fim não só a obtenção de córneas necessárias aos respectivos enxertos, mas também lhe é atribuída a alta missão de preparar cirurgões para esta melímbrosa operação, por meio de bolsas de estudo que generosamente concede. Segundo o parecer dos médicos especialistas, esta operação não é perigosa, mas a sua delicada técnica exige experiência e saber, habilitação que é privilégio de exíguo número de médicos.

Não sabemos o adiantamento dos nossos médicos neste importante ramo cirúrgico, no entanto quer-nos parecer que problemas mais transcendentes já têm sido resolvidos entre nós pela classe médica, que por vezes tem honrado Portugal nos concertos internacionais. Cremos porém que não é este o ponto que tem relegado entre nós o magno problema dos olhos, mas unicamente a falta de material para as operações, visto que não se encontrou ainda a necessária solução para harmonizar as leis vigentes com a extração das córneas, as quais só seria permitido retirar do doador 24 horas após o falecimento, quando a técnica aconselha a sua extração antes. Este natural escrúpulo, seguido por muitas nações, parece ter obstado a que se progredisse tão rapidamente como seria para desejar. Contudo, o problema é tão evidente na sua utilidade e humana forma de beneficiar os pobres cegos que

estamos certos estas filantrópicas ideias lograrão remover todos os obstáculos, observando-se sem dúvida as cautelas indispensáveis e o respeito que merecem os mortos, especialmente os beneméritos doadores dos olhos que, somente por este nobre gesto em favor do próximo, são dignos de toda a nossa veneração.

Somos levados a acreditar que logo após a organização dos serviços de um banco de olhos no nosso País, muitas almas generosas farão a oferta dos seus olhos e o material não faltará para levar a cabo a sua nobre missão, porque os portugueses não são menos generosos do que os outros povos em que estas iniciativas se encontram em franco progresso. Somente em Nova Iorque recuperaram a vista muitas centenas de pessoas, anualmente. Por aqui se vê o alto valor dum instituição destas, a que o Estado não se pode alhear, tanto mais que o problema de recuperação do cego no nosso País, como vimos já em outro nosso artigo «Os cegos e a Campanha Nacional de Educação», não está devidamente tratado entre nós.

Nesta iniciativa benemérita todos podem ajudar: os ricos com o seu dinheiro e os pobres com o óbulo generoso dos seus olhos, o que não exclui o rico de o fazer também.

A ciência no entanto avança, e como já referimos naquele nosso mencionado artigo, vimos publicada uma notícia em que um médico japonês en-

A Mesa Familiar

(Continuação da 2.ª página)

uma devoção de que ela não deve abdicar.

Não será consolador e motivo de orgulho para a mulher saber que o seu marido não troca a sua mesa pelo serviço do restaurante mais afamado, e que a ordem e o requinte que desfruta no seu lar está acima de tudo o que possa ver lá por fora?

Não é uma iguaria dispendiosa mas sim a maneira como se apresenta que contribue para convencer o apetite.

«Também se come com os olhos», diz o povo, e é bem verdade, principalmente quando se trata de pessoas que se sentam à mesa para almoçar ou jantar, e não apenas para comer.

As meninas da casa devem ser educadas nestes princípios, para que um dia não tenham o desgosto de ouvir, da boca do marido, frases como esta:— «Que bem que a minha mãe fazia este prato!»

O HOMEM TRABALHA...

Mas só Deus multiplica

(Continuação da 1.ª página)

interesse despertado pelas numerosas reuniões regionais que se têm realizado para propaganda e preparação da Campanha, às quais já assistiram mais de cinco milhares de filiadas e filiados, número este que ultrapassa de longe as previsões mais optimistas.

Os temas de estudo da Campanha que oportunamente foram anunciados e que se encontram reunidos e explicados num opúsculo distribuído às secções, têm sido largamente e proveitosamente debatidos nas várias reuniões já feitas.

Por sua vez os Rev.ºs Párocos iniciaram já um ciclo de homilias integradas no plano da Campanha.

Assim, além da origem, missão e finalidade sublime do trabalho tem sido também profundamente exposta e

discutida a sua realização digna e cristã.

Neste ultimo aspecto merece especial atenção a actividade apostólica que se iniciou para afastar do trabalho agrícola os seus principais factores de desmoralização, não esquecendo também as injustiças e opressões nele e por ele realizadas e ainda o uso e abuso da pessoa humana e dos direitos de cristão.

Tudo faz prever que a Campanha iniciada tem assegurando um grande êxito que se espera ver comprovado na Festa das Colheitas que se realizará em todas as freguesias da Arquidiocese, em fins de Setembro e princípios de Outubro.

Estas festas de sentido profundamente católico serão a manifestação iniludível da gratidão dos lavradores pelas bênçãos de Deus sobre os seus trabalhos realizados dentro dum elevado espírito cristão.

«Ora et labora»... Mãos no trabalho e coração em Deus—é o lema que pretendemos gravar indelévelmente no coração e na alma de todos os agrários, os quais assim—à custa do seu labor e da sua oração—hão-de conseguir realmente porque para isso lutamos.

«Um Mundo Rural Melhor»

BOURO

(Continuação da 3.ª página)

Potros até um ano

Ao melhor exemplar. 70\$00
2.º Prémio 40\$00
Corrida de Cavalos, recebendo o melhor classificado 50\$00

Regulamento

Fica sem efeito o artigo 7.º do Regulamento, que diz: Só serão admitidos a concurso de gado de trabalho touros ou touras de raça barrosã, mas sem jugo.

Este gado pode concorrer com ou sem jugo, conforme desejo do seu proprietário.

Câmara Municipal DE AMARES Convocação

Nos termos do artigo 29.º do Código Administrativo, novamente, convoco, para o dia 19 do corrente, pelas 14 horas, o Conselho Municipal de Amares, para realização da segunda sessão ordinária do ano em curso do referido órgão colegial, em virtude de a referida sessão se não ter realizado no dia 12 p. p. por falta de número.

Amares, 14 de Setembro de 1956.

O Presidente da Câmara
Dr. Avelino Manuel da Silva

Na era em que vivemos

(Continuação da 1.ª página)

HÁ INCÊNDIOS QUE AS TRANSFORMAM EM FUMO EU, TEU SERVO, CURVO-ME REVERENTE PERANTE TI. TRANQUILIZA, MINHA SENHORA, O TEU CORAÇÃO E SOSSEGA O TEU ESPÍRITO.»

Esta inscrição, traduzida à letra actual, quer dizer, mais ou menos, isto:

As abelhas

(Continuação da 5.ª página)

te de mel que colhi, por intermédio daqueles bichinhos.

Bem hajas ó amigo, que reconheces o valor das abelhas por dois, litros, mas uma colmeia móvel, pode-te fornecer dez, a quinze, litros e melhor qualidade. Procura conhecer o valor e a vida das abelhas através deste semanário.

Continua

CANETA

Encontrou-se uma caneta «Parker» no Largo de D. Gualdim Pais, desta Vila.

Quem a perdeu, queira dirigir-se a esta Redacção.

xertou a córnea dum frango, com êxito, num indivíduo.

Oxalá que estas experiências permitam de futuro a inviolabilidade dos mortos, mas até lá e em quanto forem necessárias as generosas dádivas de olhos mortos para curar olhos vivos, façam-se, tendo em mente a prática da caridade.

Se aquele que dá um simples copo de água em nome de Deus será recompensado, tanto mais o que oferecer a sua mutilação, embora póstuma, em favor do seu próximo.

EME

Album de coisas várias

(Continuação da 6.ª página)

Fiquei, assim, inteirado do grau cultural de Viana do Castelo. E não admira por ali «A Estrada» deixasse toda a gente enjoada, ensofada...

Isso também me aconteceu a mim quando leio poesia modernista.

E pronto, meus amigos.

J. M.

As Abelhas

Sua Anatomia e Fisionomia

Por AVLIS

(Continuação do número anterior)

A acção do agulhão, diz Paley, é um claro exemplo do que pode fazer a química ajudada pela mecânica. A química produziu o veneno de efeitos tam poderosos, a mecânica criou o dardo de efeitos tam complexos. Esta arma teria sido quase inútil, sem o trabalho químico que, no corpo da abelha, convertiu o sustento em veneno, e por outro todo o veneno não poderia produzir efeitos sem um instrumento capaz de furar e lançá-lo na ferida. Se examinar-mos, ao microscópio a lâmina de uma navalha de barba, apresenta-se tam romba como as costas de uma grosseira faca, desigual, cheia de dentes e de chanfraduras a tal ponto que parece impossível que possa servir mesmo para cortar madeira; uma agulha muito pura, examinada ao microscópio, assemelha-se a uma barra de ferro saído da forja de um ferreiro, enquanto que o agulhão duma abelha, visto por todos os lados, um polido de uma beleza maravilhosa, sem o menor defeito, a menor fenda, a mais pequena desigualdade, terminando por uma ponta finíssima de que mal se descobre a extremidade. Se alguns dos numerosos remédios, aconselhados com tanta afouteza desse bom resultado, pouco havia a recear das picadas das abelhas; para o efeito esclarece-se: A primeira coi-

sa a fazer é retirar o agulhão o mais depressa possível.

Quando a vesícula do veneno, com os músculos que a acompanham, se desliga da abelha juntamente com o dardo, este, que de per si penetra mais e mais profundamente na carne injecta constantemente veneno na ferida.

Se se extai o dardo, imediatamente a picadura raras vezes tem consequências sérias; mas, para o extrair, é preciso não o apertar entre os dedos, por isso que, desta forma, lançar-se-ia o veneno na ferida. "Importante" quando fomos atacados, é preciso raspar fortemente com a unha, para impedir que a vesícula, que se contrai ao contacto do ar, envie mais veneno à ferida. Quando o dardo está tirado, não o convém irritar a ferida esfregando o lugar onde a picada se verificou. Qualquer que seja o prurido é preciso resistir a este desejo, por isso que, desta forma, espalhar-se-ia o veneno causando maior inchação ou melhor irritação, e portanto maior aumento da dor.

E' pelo mesmo motivo que uma picadura de mosquito infeccioso, se for esfregada alguns dias depois, incha de novo. Como a maior parte dos remédios indicados reclamam fricções, são piores do que não fazer nada. Quando a pele sua, as picaduras fazem pouco mal,

por isso que o suor neutraliza o veneno, trazendo-o para fora. Não se deve, como erroneamente aconselham alguns autores, sugar a ferida; isso é considerado contracenso anti-humano, pois podem daí resultar consequências desagradáveis muito prejudiciais, por isso que enquanto o veneno dos diversos répteis, que só actua sobre a circulação, pode ser engolido imprudentemente, e o veneno das abelhas actua poderosamente sobre os órgãos digestivos.

Resultando de tais procedências, grandes dores de cabeça e fortes incómodos do estomago, com excessiva alteração do sistema nervoso. Para nós a água fresca ou um instrumento metálico ou mesmo gelo, é o remédio mais eficaz contra as picadas das abelhas; com a frescura o veneno dissolve-se mais rápido e a frescura da água impede a inflamação, quem diz água outro líquido que não seja excitante, como sejam o sumo de certas plantas aquosas, ou mesmos certos frutos, pois é mesmo vulgar no nosso meio utilizarmos bagos de uvas que dão um ótimo resultado mas que pode ser utilizado outro quaisquer fruto aquoso.

Bevan, recomenda o amoníaco (alcali volati) e diz que, em casos graves, se pode mesmo tomar internamente. A dose a tomar em um líquido pode variar de cinco a vinte gotas para um adulto, menos para uma criança, porpocionalmente à sua idade. Produz uma transpiração abundante e neutraliza os efeitos do veneno. Além dos neutralizantes apresentados, deve-se esclarecer que há muitos meios farmaceuticos, os quais já em parte utilizados, são inferiores à água fresca ou sua semelhança, o que não

quer dizer que para certas pessoas dê ótimo resultado, pois já é de conhecimento dos leitores dos números anteriores, que as picadas das abelhas, actua segundo o sistema nervoso de cada um.

Tenho experiência própria sobre este ponto: conheço mesmo certas pessoas que permanecem junto às colmeias na hora da sua maior labuta sem que estas sejam antingidas: enquanto que, ao contrário, outras há, que nem ao menos se podem aproximar sem que sejam logo perseguidas pelas abelhas e é a estas pessoas que o veneno das abelhas provoca a maior inchação ou irritação. Desta forma as pessoas assim incitadoras das abelhas, se são apaixonadas das

mesmas, devem resguardar-se com véu próprio e luvas, afim de poder executar qualquer trabalho nas colmeias sem ser atingido.

Como já é do conhecimento do leitor pelos números anteriores, as picadas tornam-se perigosas quando na parte superior, face ou cabelo, quando em número avultado. De contrário, é mal de fácil cura, e que bem pensado tudo é de perdoar, em relação ao produto que elas nos fornecem.

Há dias falando com um amigo desta Vila, que possui apenas uma colmeia do velho tipo fixo, este dizia-me, não calcula o prazer que sinto ao ver dois litros aproximadamen-

(Continua na 4.ª página)

Gazetilha

Com o tempo tão incerto
O lavrador perde o pio.
Pois não sabe bem ao certo
Quando é Inverno ou Estio.

Não corre bem para o pão
E a Praia não causa enveja;
Corre mal p'ró feijão
E p'rá venda da cerveja.

Em Londres, a Conferência
Emprega todo o geitinho,
Pois com muita exigência,
Pode entornar o barquinho.

No Cairo, o senhor Nasser,
Vai reunir outra vez
P'ra ver o que o mundo quer
Sobre o Canal do Suez.

È na volta a Portugal
Nem sempre há botões de rosa,
Mas, cremos que no final
Vencerá o Alves Barbosa.

Jomacer

Folhetim da "Tribuna Livre,, — 18

A Estrada

Conto de Joaquim Monteiro (Jorge)

E estava aflito e beijava David, passava-lhe as mãos pelos cabelos, e chorava e soluçava.

—Perdoa-me, David, perdoa-me! Que fiz eu? —gemeu Daniel, que escondia o rosto nas mãos.

David estava já sentado e acariciava o pescoço, no sítio onde Daniel apertara. Aquilo aconteceu! Rápido e veloz. As coisas acontecem, assim, rápidas e velozes. A vida também é um acontecimento. Um grande acontecimento. O mais rápido e veloz de todos os outros acontecimentos.

David olhava para Daniel. David estava sereno, com um ar feliz. Daniel gemia ainda, e soluçava. David riscou um fósforo e acendeu dois cigarros. Deu um ao companheiro, ao companheiro que era mais alto e mais forte que ele. Ambos, agora, fumavam. O fumo saía em roldão de ambas as bocas.

De novo o silêncio ligava aqueles dois rapazes com o mundo, naquele instante, mais silencioso e mais belo que nunca. As palavras já não eram necessárias. O demónio cessara com a sua luta contra Deus. David compreendeu que o outro era o Daniel que agora ali se encontrava a seu lado. E disse:

—A vida exige confiança, coragem, amor. Vida onde todos nós temos a nossa parte de dor, luta, alegria e sacrificio. É preciso encarar com fé o horizonte da batalha. Conciliarmo-nos com Deus, que o mesmo é dizer conciliarmo-nos com os outros homens.

Para Daniel, toda a realidade, agora, tinha outras formas, outro significado. Sentia-se extasiado, em sossego, em graça, em paz.

As aves surgiam em maior número, e as cúpulas disformes e tortas dos pinheiros ramalhavam ao sabor do bole-bole manso e tímido. O sol, no poente deixara de se ver e nuvens, num laranja doirado, recortavam-se em fisionomias estranhas e geométricas. Os montes, ao longe, cobriam-se levemente

de gris.

David brincou com o cigarro entre os dedos, e murmurou:

—O homem está à beira dum abismo. Todas as suas vibrações são abissais. A humanidade alcandora-se, triste e solene, na infernal fúria das suas vociferações incrédulas. Muita celebridade, hoje! Mas perde-se a fé em cada momento que passa por nós. E é preciso fé. Sejamos homens com fé, Daniel, porque é a fé que remove e edifica como o amor salva e redime.

As primeiras sombras desceram sobre aquele dia. Para além, os montes eram envolvidos num tom mais escuro.

X X X

A noite cingia a estrada. A cidade, ao longe, aspergida de luz, parecia um enorme transatlântico vogando na escuridão das ondas. Pés batiam no empedrado da estrada. Quem quer que fosse caminhava em silêncio. Pelo som distinguia-se que eram dois os caminhantes noctívagos.

—David!

—Aqui estou, Daniel!

Um pequeno silêncio.

—Estou aleijado!—continuou a primeira voz.

—O quê?—advertiu a segunda, aflitivamente.

—Aleijado... O braço paralítico... Não sinto, não tem força!

Os pés deixaram de bater.

—Meu Deus!—voltou a segunda voz.

—Por isso não te matei!

—Horrendo, horrendo...

—É preciso confiança, fé!—volveu a primeira voz.

X X X

Na cidade a vida continuaria em evolução constante... A vida continuará em qualquer parte, nas cidades e nas serras, nos vales e nas florestas, para cá do solo e para além do solo, nas alfurjas e nas alcovas, mesmo por debaixo duma pequena rocha que o mar encobre. A vida continuará enérgica poderosa, dura, trágica, porque é vida—mas onde há fé e amor ainda. Fé que remove e edifica; amor que salva e redime.

FIM

De Vila Verde

Banda Musical de Vila Verde

Mais uma vez a Banda Musical de Vila Verde, mostrou a sua excepcional categoria nas tradicionais festas a Nossa Senhora das Dores, recentemente realizadas na Vila e concelho dos Arcos de Valdevez.

Soberanamente aclamada, eis a exaltação poética que, espontânea, saiu dos lábios febris de um apreciador de música:—Um Barcelense domiciliado em Pias—Monção—desde 1939, é interprete das massas populares que assistiram ao arraial das Festas de Nossa Senhora das Dores, na já referida Vila, traduzindo o sentimento unânime de reconhecimento e homenagem à excelente Banda de Vila Verde e seus dirigentes, em meia dúzia de versos modestamente feitos e da sua autoria.

Grande duelo musical «crêde
Nas tradicionais festas de Monção
A reputada Banda de Vila Verde
E o afamado centro de Pejão
Ambas dignas do que acima «vêde»
As duas, donas de reputação

Óh briosa banda de Vila Verde
Raras vezes vós perdeis a palma
Levais sempre o adverso à parede
Exibindo-vos com gosto e alma
Brincando com Óperas, vasta rêde

Em Monção na Senhora das Dores
Fizesteis pura e bela execução
Vossas obras verdadeiros amores
Dominastes o centro de Pejão
Ouvindo-se unânimes rumores
A dar-vos a honra e com razão

Limpa, executante da divina arte
Deliciando os vossos apreciadores
Gostam de vós em toda a parte
Por voveres vossos contendores
De vos ouvir não há quem se tarte
Inclusivé mesmo os competidores

Sim, óh Banda que és louvada
Graças ao maestro Senhor Pais
Afinou-vos com paciência aturada
Entre as suas colegas não há iguais
Singular perícia amestrada
Há-de ficar registada nos anais

No livro de honra letra «d'ouro»
Sua regência parece *bruxura*
Tem sabedoria que é um tesouro
Rege, comanda, sem Partitura,
Por tudo digno de honra e louro
Tam simpática e sábia figura

Musica, orgulho da terra minhota,
Tens a teu lado um forte esteio,
Nos desafios não sofres derrota
Sufragas a alma do Nini Feio
Deixando os rivais de cara torta
É esse o vosso maior asseio

No côro que linda harmonia!
A suavidade dos açordios seus,
Com vossa sacra melodia
Convertes até os prócrios ateus
Oxalá não percais vosso guia
Para sempre com ela ádorar a Deus

Banda, instrumento sobrenatural
És capaz de encantar uma fada
Idolo do Dr. Guimarães, sua capital,
Sua estremosa e muito amada
Banda que nunca podes ficar mal
No coro, no coreto e na arruada

Monção, 26/8/956

Do admirador

(a) Manuel Pinheiro Durães

Estes versos são a tradução do que se passou na alma deste simples e modesto admirador da Banda de Vila Verde e, que num assomo de entusiasmo os escreveu e entregou á Direcção da mesma Banda, no dia da festa da Vila de Monção.

Album de coisas várias

Se o leitor se recorda do que escrevemos, aqui, a semana passada, compreenderá que o que dissemos, apenas como simples apontamentos, é mais produto da muita dedicação que oferecemos a Viana do Castelo, do que mera imposição de direito e dever que temos de falar do que se nos depara digno de censura. Não pomos reservas naquilo que escrevemos. Falamos sinceramente dos males cidadãos de Viana, como sinceramente lhe realçamos as belezas e o espírito hospitaleiro, sem artifício, da sua gente.

Eu ouço já falar sobre Viana do Castelo desde os tenros anos da minha adolescência. O meu espírito inquieto e ávido de viajar guardou, com ansiedade, o momento de a ela, um dia poder, entregar-me. Desde os primeiros momentos em que a senti, fresca e coloridamente bela, ficou-me bem gravado no coração a certeza de que eu ficara, para todo o sempre, preso ao seu encanto. Amei Viana desde esse primeiro encontro. Mas também desde esse primeiro encontro que me ficou o dever de a ela me referir com toda a sinceridade da minha dedicação.

X X X

cendo a vitória à equipa que melhor soube aproveitar as ocasiões.

Os restantes jogos tiveram desfechos já esperados com vitórias dos visitados.

Na próxima jornada teremos dois encontros que vão chamar as atenções gerais, um em Lisboa, Benfica-Sporting, e outro em Torres Vedras, entre o grupo local e o F. C. P.

No primeiro, por tradição, entre os dois vai travar-se luta emotiva com desfecho bastante duvidoso, mas a haver um vencedor imos pela vitória do Benfica, grupo mais rodado e com melhor conjunto presentemente que o Sporting, embora ele ainda venha a dar muito que falar depois de devidamente afinado.

No segundo, Torreense-Porto, também a luta deve ser empolgante e de arrazar os nervos às pessoas que presenciarem este grande desafio.

O empate ou a vitória pela tangente seria o resultado ideal para o F. C. P. poder acompanhar os seus mais directos adversários, e porque tem categoria e conhecimentos suficientes, dessa proeza será capaz.

X X X

Presenciamos o segundo jogo do Sporting de Braga como equipa da segunda divisão e sinceramente que gostamos da sua exibição que sem atingir grande brilho foi no entanto bastante animadora denunciando todos os seus jogadores boa capacidade física e procurando fazer o melhor possível sem precipitações.

Dá grandes esperanças de ser um dos candidatos à conquista do campeonato em que está empenhado.

Pertenço a uma geração que define a sua mentalidade por um princípio de progresso. Sou pelo progresso, pela harmonia dos valores com as realidades, levando em consideração as possibilidades naturais de que usufruimos em contraste com a força prepotente do evoluir das necessidades materiais. Porque não há-de Viana do Castelo, em face das suas riquezas, das suas condições turísticas, elevar-se à altura,—por essas riquezas, por essas condições, explorando-as,—das grandes cidades que vivem e se edificam largamente?

De mais a mais, Viana é uma cidade de boa qualidade industrial, de firme e notória dimensão comercial.

Há dois anos que visito a *Princesa do Lima*. E posso afirmar que durante esse tempo nada de notável, na planta urbanística, se verificou. Pois em Viana cai muito turista, muito veraneante, e isto significa dinheiro, movimento económico. Ou não será assim?

X X X

Um facto que tem dominado o meu espírito: Em Viana não se vendem os jornais diários que se publicam em Braga. Porquê? Talvez pela mesma razão por que em Braga não se encontram à venda os jornais que se publicam em Viana... As cidades minhotas vivem como que separadas, isoladas, quer espiritualmente, quer intelectualmente, quer materialmente. Apenas as liga, e neste momento mais que em nenhum outro, o futebol...

Ora, eu acho que, primeiramente, devia existir um intercâmbio de imprensa. Isso seria útil sobre todos os aspectos. Não concordam? Jornais de Braga vendidos em Viana, e jornais de Viana vendidos em Braga. Assim mesmo!

X X X

O cinema é o prato por excelência da vida mundana vianense, nos momentos de ociosidade. Há espetáculo, creio, que quatro vezes na semana. Existem duas casas exibidoras: o «Palácio» e o «Sá de Miranda»; aquele, moderno, cómodo e simples na arquitetura; este um anacronismo...

Vê-se muito cinema. (Mas isto não é só em Viana. É em qualquer parte). Ele há, até, em V. do Castelo, um cine-club. Nos dias em que lá estive, admirei essa grandiosa película que se intitula «A Estrada», do italiano Federico Fellini. Pode constatar: a opinião geral dos vianenses votou contra a película...

...Corri todas as livrarias, numa tarde, e não encontrei um livro que tratasse de cinema a sério. Pedi, depois, revistas. E citei: «A Imagem», «Cinema Universitário», «Tê-lê-Ciné», «Visor»... Não tinham nada, Nunca lá se vendeu daquilo!...

(Continua na 4.ª página)



Comentando o Nacional da 1.ª Divisão

Por José B. Macedo

Começou no passado domingo o campeonato nacional da primeira divisão, a maior prova do calendário do futebol no nosso país.

A perspectiva dum campeonato emotivo e ardorosamente disputado está na mente dos simpatizantes de todos os grupos que nele tomam parte.

Analizando-se todas as equipas temos de concordar que como nos anos anteriores apenas quatro grupos, os considerados grandes, Porto, Benfica, Sporting e Belenenses, são as únicas que poderão chamar a si o triunfo final. Destas quatro, duas parecem presentemente melhor apetrechadas e com conjuntos mais afinados que as restantes: são elas o Porto e o Benfica, os agrupamentos que melhor comportamento tiveram na época finda, sendo servidas pelos mesmos jogadores o que para efeito de conjunto é de considerar.

O Campeão Nacional como toda a gente sabe mudou inesperadamente de treinador e consequentemente talvez de método, mas levando-se em conta a grande categoria do referido treinador um dos maiores da América do Sul, ou pelo menos o mais famoso, não deixará de corresponder à confiança que todos os associados depositam no seu trabalho, quanto mais a equipa é servida por excelentes praticantes da modalidade e com categoria soberanamente conhecida.

Vaticinamos mais uma vez que no fim do campeonato iremos encontrar os quatro grandes nos primeiros postos da classificação a não ser que esta época algum team provinciano queira desalojar uma, da companhia das restantes, a verificar-se esta hipótese já era uma surpresa.

De todos os jogos da primeira jornada a deslocação do

Benfica por ser um dos candidatos era tida como a mais difícil da ronda a jogar em Évora com o Lusitano local.

Com bastante dificuldade, e parece-nos que os jogos fáceis acabaram, foi angariando dois preciosos pontos.

A primeira surpresa do campeonato deu-a o Torreense ao derrotar na Covilhã o clube local por margem que não devem deixar dúvidas quando à sua merecida vitória.

Já a época finda o Torreense teve um começo brilhante pelo feito que acaba de cometer e tudo leva a crer que irá mais uma vez dar que falar.

O F. C. P. como se esperava ganhou com naturalidade ao Barreirense, equipa muito aguerrida mas que não podia alimentar grandes esperanças em desfeitear o campeão nacional no seu ambiente.

O Barreirense procurou dificultar o mais que pode a acção do seu adversário, mas teve de render-se à maior capacidade e organização do F. C. P., que ao fim do tempo regulamentar sem atingir grande brilho, venceu bem.

O Belenense ganhou também merecidamente ao Atlético depois do seu conjunto mostrar maior capacidade.

Os Leões de frontaram no Estádio Alvalade à luz dos projectores, a Associação Académica com quem perderam sem apelo nem agravo, perten-